

Impresso Especial
9912161778 - DR / MG
Fundação Amae para Educação e Cultura
CORREIOS

AMAE

ISSN 0102-0471

educando

45 ANOS ACOMPANHANDO O EDUCADOR



Fundação
AMAE
para Educação e Cultura

www.fundacaoamae.com.br

ANO 45 . Nº 385
MARÇO . 2012

A proposta
de paz
trazida
pela mediação
escolar

E mais:

Entrevista com
o prefeito de
Belo Horizonte
Marcio Lacerda

Jogos: diversão
no ensino da
Matemática

Carta ao leitor

Nosso jeito de ser – A revista AMAE Educando é uma publicação da Fundação AMAE para Educação e Cultura. Escrita por professores para professores, com uma abordagem ligada à realidade vivida em sala de aula, seu diferencial é conter artigos práticos ou teóricos, usando uma linguagem clara e objetiva. Dirige-se, principalmente, a educadores de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Suas oito edições anuais (quatro em cada semestre) são comercializadas por assinaturas.

Expediente

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO AMAE: Lêda Botelho Martins Casasanta

CONSELHO CURADOR:

Ajax Gonçalves Ribeiro (Presidente), Ana Lúcia Amaral (Secretária), Audineta Alves de Carvalho de Castro, Fernanda Fernandes Sobreira Corrêa, José Leão Marinho Falcão Filho, Margarida Magda Machado Michel, Maria Auxiliadora Campos Araújo Machado, Raymundo Nonato Fernandes, Rosa Emília de Araujo Mendes

CONSELHO DIRETOR:

Diretora-Presidente: Lêda Botelho Martins Casasanta

Diretora-Vice-Presidente: Maria Antonieta Bianchi

Diretora Administrativo-Financeira: Helena Lopes

Diretora de Relações Institucionais: Rui Cesar Rezende Souza

Diretora de Publicações e Eventos: Albertina Salazar

CONSELHO FISCAL:

Francisco Liberato Póvoa Filho, Maria Odília Figueiredo De Simoni, Elza Marie Petrucelli Carayon

Suplentes do Conselho Fiscal:

Arlete Duarte Silva, Hortência Gatti Queiroga, Janice Lúce Martins Fortini

EQUIPE EXECUTIVA:

Célia Sanches, Cristina Elizabeth de Vasconcelos Ministerio, Flávia Duarte Carvalho, Gilda Pazzini Lodi, Maria da Anunciação Duarte Carvalho, Vera Lúcia Pyramo Costa Pimenta

A M A E
educando

revista@fundacaoamae.com.br

Diretora e jornalista responsável: Cristina Elizabeth de Vasconcelos Ministerio - Reg. prof. MG 06124/SJP - cristina@fundacaoamae.com.br

Editoras: Célia Sanches, Vera Lúcia Pyramo Costa Pimenta

Estagiária: Bárbara Diniz

Ilustração: Mirella Spineli (31) 3482-0081/9184-8954

Projeto gráfico: Renata Pimenta (31) 3267-6762/8489-3851

Impressão: Gráfica Del Rey (31) 3369-9400

Conselho Editorial: Albertina Salazar, Célia Sanches, Cristina Ministerio, Gilda P. Lodi, Gleisa C. Antunes, M^a das Graças D. Andrade e Valdevez A. Valle.

Suplentes: Ângela Franco e Marise Nancy de Alencar.

Atendimento ao assinante:

Rejane Pereira Lopes
Av. Bernardo Monteiro, 861 - Santa Efigênia - Belo Horizonte - MG - Brasil- CEP 30150 - 281 -Telefax (31) 3224-5400 / 3224-6158 - rejane@fundacaoamae.com.br

Av. Bernardo Monteiro, 861 - Santa Efigênia - Belo Horizonte CEP 30150-281 - MG - Brasil - Telefax: (31) 3224-5400 / 3224-6158 www.fundacaoamae.com.br

@MAE ON-LINE

Consulte o *site* da
Fundação AMAE
(www.fundacaoamae.com.br)
e acesse o índice remissivo
por assunto e por autores, da
revista AMAE Educando, 2011.



Editorial

por Cristina Ministerio

Os dias passam e lá vamos nós seguindo nosso destino na esteira que o tempo deixa. Cumprimos os rituais de fim de ano – nos despedimos de 2011 e saudamos 2012 – abrimos os braços para os novos alunos e nos perguntamos o que de melhor temos para lhes oferecer. Na redação da revista AMAE Educando, a mesma pergunta foi feita e as primeiras respostas surgiram a partir de um projeto gráfico mais moderno, mais colorido, mais agradável. Já na primeira página, o recado claro de que esta é uma revista para você, professor, escrita por você que tem tantas experiências a compartilhar – riqueza que só aumenta, quando distribuída. Na terceira capa, um novo projeto pretende que os leitores interajam com nosso Conselho Editorial. A cada edição, o “Ser Escola D+” revelará o que cada um dos nossos conselheiros pensa que não pode faltar à escola para que ela seja uma superescola. Você, professor, está convidado a dar sua opinião. Você é autoridade no assunto.

Na seleção das matérias a serem publicadas, nossa escolha recaiu nas que trouxessem novidade, oportunizassem reflexão e favorecessem a prática. Na capa, uma proposta que ainda é relativamente inédita no Brasil: a resolução de conflitos nas escolas, feita entre os próprios alunos (p. 8). Treinando diversas habilidades, adotando procedimentos específicos, eles demonstram que são capazes de resolver suas diferenças e de levar a paz para a escola. Vamos espalhar essa ideia? À página 40, um texto nos faz refletir sobre de quem é o papel de educar as crianças. A resposta parece fácil, mas a questão do que seja dar ou não dar limites às crianças ainda não é tão simples assim. Para ajudar, a autora discorre com competência sobre “educar, um bem necessário”. E na hora de “pôr a mão na massa”, são muitas as opções: os jogos que ensinam matemática (p.27), o conto infantil que ajuda na preservação da natureza (p. 34) e a leitura de jornais que levam à redação de classificados poéticos (p. 17).

Uma entrevista (p. 13) com o prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda, que gentilmente recebeu a nossa equipe, co-anfitrião pela secretária municipal de Educação, Macaé Maria Evaristo, nos permite crer que a educação na capital mineira vai se beneficiar da mania de perfeição que o prefeito tem. Ele não se satisfaz só com o que está apenas bem. “Temos de melhorar mais”, diz ele, em busca de resultados mais significativos. A visão colorida dos pequenos alunos da Umei Pituchinha, localizada na Regional Noroeste, nos enche de esperança. Se já está bem, vai ficar melhor ainda. Nesta edição, nos lembramos do Dia da Escola (p. 39). As poesias da professora Pauline Moysés podem ditar o ritmo das comemorações deste importante evento, afinal, Ser Escola D+ também é festejar, com alegria, a instituição que nos acolhe dia após dia, ano após ano, para que, nela, se cumpra o nosso destino.



Divino Advíncula/PBH

Índice fixo

3 @MAE ON LINE
A Fundação AMAE e a revista AMAE Educando na web

6 BOLETIM DE NOTAS
Notas sobre educação e cultura

ENCARTE

Conte um conto
Aventuras de uma família



46 PONTO FINAL
Crenças de uma professora

Nesta edição

8 ESPECIAL
A mediação escolar como opção para a conservação da paz nas escolas brasileiras

13 ENTREVISTA
O prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda, fala sobre a educação no município

17 RELATO DE EXPERIÊNCIA
Atividades que usam o jornal como objeto de estudo e prática

20 LÍNGUA PORTUGUESA
Ler e escrever, tarefas fundamentais na vida estudantil

27 MATEMÁTICA
Os jogos como suportes essenciais no processo de aprendizagem da matemática

32 ATUALIDADES
Um problema antigo com um nome moderno - o bullying na escola e suas graves consequências

34 TEMAS TRANSVERSAIS/MEIO AMBIENTE
A clássica história “Os três porquinhos”, os ensinamentos sobre o meio ambiente e a importância de sua preservação

39 COMEMORAÇÕES
Poesias para se comemorar o Dia da Escola

40 PSICOLOGIA
Os limites necessários ao crescimento das crianças, fazendo dos pais e professores elementos indispensáveis à sua aplicação

43 REPORTAGEM
A prioridade dada à saúde bucal desde o berçário, em escola de Lagoa Santa (MG)



Nina Alexandrina



Priscila Henry



Arquivo pessoal

Mediação escolar: uma solução para os conflitos?

Estratégia de pacificação social chega aos ambientes escolares brasileiros e prepara os alunos para a resolução de conflitos na fase adulta.

Ronan Ramos Júnior é advogado pela Faculdade de Direito Milton Campos, mediador de conflitos pelo Institut Universitaire Kurt Bösh e Harvard Law School (Belo Horizonte-MG).

Um dia, a garota Rachel chegou em casa e presenciou uma discussão acalorada entre os pais. Foi até o quarto, pegou o colete laranja com a inscrição “Mediadora de conflitos”, vestiu-o, voltou à sala e disse: Sou mediadora, posso ajudar? Boquiabertos,

os pais concederam à filha a oportunidade de ajudá-los. Rachel utilizou as habilidades aprendidas no colégio e, ao final, os pais chegaram a um acordo de modo pacífico.

A história acima foi relatada pela especialista em Resolução

de Conflitos nas Escolas (RCE) Gail Sadalla, que escutou o caso em um colégio na Califórnia, nos Estados Unidos. Sadalla é pioneira no ensino de RCE, expert em mediação entre pares, com mais de 25 anos de experiência, tendo atuado nos Estados



Fotos: arquivo Konvyl

Para saber mais

O projeto “Educação para a paz” é desenvolvido pela organização social Parceiros Brasil - Centro de Processos Colaborativos, integrante da rede global Partners for Democratic Change International - em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e patrocínios da Petrobras e Instituto HSBC. Ressalta-se que algumas escolas atendidas pelo projeto fazem parte do “Programa escolas do amanhã”, um conjunto de ações da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, apoiado pela Unesco, envolvendo as áreas de saúde, assistência social, arte e cultura, desporto, além da educação, e que, entre outros objetivos, visa a diminuição da evasão escolar e a melhoria nos índices de aprendizagem de 151 escolas do Ensino Fundamental, em áreas conflagradas.

Unidos, Europa, Ásia e África. Há de promissor no relato o fato não manifestado de que ele se repete em vários cantos do mundo - onde são ministradas aulas de RCE, - mudando apenas o nome da criança. Corroborar esta afirmação a pesquisa feita por David Johnson e Roger Johnson entre 1988 e 2000, intitulada *Teaching students to be peacemakers: results of twelve years of research*.

Esta realidade começa a ser esboçada no Brasil. Desde o segundo semestre de 2011, há em andamento um projeto na cidade do Rio de Janeiro denominado “Educação para a paz” com o objetivo de desenvolver habilidades comunicacionais em crianças, jovens e adultos. Alunos são treinados em mediação para atuarem como pacificadores em conflitos entre os próprios colegas. E, então, levam a prática vida afora, assim como a Rachel.

Em se tratando de mediação nas escolas, existe uma dezena de caminhos distintos, como a abordagem

pacífica em sala de aula e em toda a escola; a mediação voltada para conflitos entre adultos e crianças e adolescentes; a inclusão da disciplina “Resolução pacífica de disputas”; e a mediação entre os próprios alunos, realizada por eles. É sobre este modelo de mediação - entre pares (aluno discutindo com aluno e outro aluno mediando), que o presente artigo dirige seu foco.

Projeto de resolução de conflitos nas escolas

• Princípios

Os princípios que balizam iniciativas de mediação escolar são similares aos da mediação de conflitos usada por adultos. Pode-se definir mediação como a maneira de resolver um problema em que as pessoas envolvidas se encontram para trabalhar juntas, auxiliadas por um outro elemento, chamado mediador. A mediação entre adultos contempla uma série de princípios advindos da negociação, tais como: separar a pessoa do

problema, focar em interesse não em posição, inventar opções para ganho mútuo e utilizar critérios objetivos.

A filosofia do projeto “Educação para a paz” baseia-se na premissa de que o conflito é um processo normal e natural e “na ideia de que os alunos são pessoas responsáveis e capazes de resolver suas diferenças entre si mesmos”. Aproveita-se este projeto carioca, com a devida autorização, para “colar a teoria na prática”. Ao leitor interessado em iniciar a aprendizagem teórica em mediação de conflitos, vale citar um dos livros básicos mais usados nos cursos de mediação ao redor do mundo: *Getting to yes*, de Roger Fisher e William Ury, com edição em português, pela editora Imago, com o título *Como chegar ao sim: a negociação de acordos sem concessões*. Este livro é uma referência no estabelecimento dos princípios da mediação.

Existem inúmeras formas de apresentar os princípios de um projeto de resolução de conflitos nas escolas, assim como existem diversas maneiras de ensinar qualquer outra disciplina. Os pedagogos sabem a diferença que a criatividade faz na assimilação dos conteúdos.

• Habilidades

Pergunta-se: como exigir um comportamento exemplar de uma criança e/ou adolescente e, inclusive, adulto em conflito com alguém, se a essa pessoa não foi dada a oportunidade de aprender a se comportar pacificamente? Para muitos alunos, tudo que aprenderam na vida foi lutar. Tendo uma disputa com o colega, eles vão



A existência de um projeto sobre resolução de conflitos faz sentido em qualquer escola.



brigar. Daí a importância de ensinar outro caminho. Ao mostrar outra via, pode-se responsabilizá-los. É por isso que a existência de um projeto sobre resolução de conflitos faz sentido em qualquer escola. Dificilmente, as crianças aprenderam uma maneira estruturada de lidar com conflitos.

As habilidades a serem treinadas podem ser divididas em seis classes. (Baseado na “Foundation abilities for conflict resolution” do texto “Youths, education, and dispute resolution”, de autoria de Donna K. Crawford e Richard J. Youths Bodine, no livro *The handbook of dispute resolution*.)

1ª - Habilidades comunicacionais - possibilita que a escuta e a fala sejam efetivas. Exercícios de escuta ativa e mensagem em primeira pessoa exemplificam essas habilidades. Escuta ativa: prestar atenção realmente naquilo que a outra pessoa diz; não interromper a fala do outro; fazer perguntas e repetir aquilo que escutou com as próprias palavras são elementos da escuta ativa.

Exemplos de mensagens na 1ª pessoa:

❖ Eu sinto (especificando o sentimento).

❖ Quando você (identificando o comportamento específico).

❖ Por que (relatando o efeito que este comportamento tem em sua vida).

❖ E eu gostaria (falando sobre sua necessidade).

2ª - Habilidades de percepção - um conflito diz respeito ao modo como o indivíduo percebe a realidade mais do que à realidade objetiva. Daí a importância do exercício de colocar-se no lugar do outro. Inúmeras dinâmicas servem a este propósito.

3ª - Habilidades emocionais - expressar emoção previne o cres-

cimento da tensão, que é o primeiro estágio do conflito. Uma breve dinâmica pode ser suficiente para diagnosticar a pequena extensão do vocabulário emocional. Ampliar este espectro é uma atividade importante.

Sugestão: pode-se escrever em tirinhas de papel uma série de sentimentos e, por meio de mímica, pedir que, a cada tirinha sorteada, um aluno tente mostrar aos colegas a qual sentimento ele está se referindo.

4ª - Habilidades para o pensamento criativo - serve para capacitar os alunos a serem inovadores nas tomadas de decisão. A contemplação do problema de diversos pontos de vista e a conhecida *brainstorming* (chuva de ideias) refletem o estímulo a esta capacidade.

5ª - Habilidades para o pensamento crítico - aborda o comportamento que analisa, constrói hipóteses, antecipa, arquiteta estratégias, compara e avalia. A utilização de critérios objetivos (ao escolher opções para solucionar o conflito) e o planejamento de comportamento futuro ilustram esta habilidade.

6ª - Habilidades orientadas para valores - como não violência, compaixão, empatia, etc. Pode-se dar ênfase ou não a este aspecto. Salienta-se que, ao analisar o ciclo do conflito, busca-se mudar o comportamento de resposta ao conflito e não a crença, pois é o que se faz do conflito que determina se ele se torna negativo (reforçando as crenças) ou positivo.

• Procedimento

O processo de mediação escolar, embora seja simplificado para crianças e adolescentes, é bem similar à mediação que se dá fora das escolas, por exemplo, entre empresas, com comunidades, em família, no ambiente de trabalho, etc. Seguem três estágios:

Guia de mediação com os princípios usados nas escolas fluminenses

1- Falar com os alunos-mediadores é uma escolha dos estudantes.

2- Os alunos-mediadores apenas ajudam os colegas em conflito; eles não são disciplinadores, tanto que, se houver briga física, os alunos-mediadores não se envolvem.

3- O aluno-mediador não resolve problemas de outros estudantes. Sua função é conduzir o processo de diálogo e permitir que os outros alunos conversem entre si sobre seus desentendimentos, até chegarem a uma solução aceita por eles mesmos.

4- O processo é de responsabilidade dos alunos-mediadores. O desentendimento é dos alunos em conflito. Aquilo que os alunos em conflito decidirem fazer ou não fazer para resolver suas diferenças é uma escolha deles e não uma decisão dos alunos-mediadores.

5- Os alunos-mediadores sempre trabalham em dupla.

6- Alunos-mediadores são crianças normais e também têm conflitos. Espera-se que eles também utilizem o procedimento.

7- O aluno-mediador deve aceitar participar de todos os encontros e treinamentos necessários.

8- O aluno-mediador concorda em compensar a atividade escolar/aula que perder em função do programa de mediação entre pares.

abertura, obtenção de informação e conclusão da mediação/acordo. (Modelo adaptado pelo projeto “Educação pela paz” e apresentado aqui com a devida licença. Todo o processo leva, em média, de trinta a quarenta minutos.)

Na abertura, os alunos-mediadores apresentam-se e discorrem sobre o procedimento. Explicam tratar-se de uma conversa confidencial, em que cada aluno fala por vez, devendo dirigir a palavra aos mediadores (característica exclusiva da mediação escolar); não podem brigar e devem tratar-se com respeito (sem apelido ou ofensas). Os alunos-mediadores também abordam, no início do processo, a necessidade de relatarem ao adulto responsável pelo programa, confidencialmente, qualquer tipo de ameaça e abuso. Ao final da etapa, perguntam aos alunos envolvidos no conflito se concordam em usar a mediação.

Os alunos-mediadores fazem perguntas e reenquadram aquilo que escutaram, de modo a estabelecer a

compreensão entre os envolvidos, que falam cada um na sua vez.

Exemplos de perguntas: “Por que isso é importante para você?” “Como você se sentiu nessa situação?” “Quais eram suas expectativas, intenções, etc?” Ao fim desta etapa (obtenção de informação), os alunos-mediadores já obtiveram informação sobre o que os alunos envolvidos têm em comum e quais são os interesses, as preocupações e as necessidades de cada um que precisam ser resolvidas.

Com a comunicação restabelecida entre os alunos envolvidos (ou sendo mais efetiva do que vinha acontecendo), os alunos-mediadores conduzem o processo para a etapa final. Por meio de perguntas, eles levam o diálogo a um acordo real, equilibrado entre as partes, específico e que satisfaça as necessidades de todos os envolvidos. Após a confirmação do acordo, os mediadores ainda perguntam se houvesse novamente a situação x como resolveriam? Registram o acordo e agradecem.

Observações sobre a implementação de um programa de mediação escolar

Resolução de conflitos é uma área do saber que apenas há pouco foi sistematizada e formatada como uma ciência, por mais experiência informal que a humanidade tenha colecionado ao longo dos dois milhões e quinhentos mil anos de existência da espécie. Por esse motivo, ainda são pontuais os centros de estudo, pesquisa e excelência na área. De todo modo, o campo profissional vem se multiplicando em velocidade impressionante e é possível coletar e acessar materiais consistentes e perceber práticas exemplares em diversos países do mundo. A mediação escolar surpreende quem visita as escolas públicas de Buenos Aires, quem conversa com crianças e adolescentes americanos e, no Rio de Janeiro, surge, com destaque, iniciativa pioneira no país. Nota-se um grande intercâmbio de experiências entre os profissionais da área e não se sugere, de modo algum, a implementação de



um complexo programa sem a devida orientação profissional.

A complexidade desse tipo de iniciativa começa pela sua amplitude. Para que seja efetiva, toda a comunidade escolar deve ser envolvida, pois sabe-se que a criança aprende, principalmente, vendo o que os adultos fazem. E por isso não adianta o professor falar de um jeito e agir de forma diferente. O apoio da direção é decisivo, fundamental, imprescindível. É o primeiro ato. Os profissionais de serviços gerais, de apoio, biblioteca, etc. também têm que conhecer e se envolver no programa.

O requisito para um aluno se tornar mediador varia de programa para programa. A nota pode ser um requisito, assim como a seleção de líderes que representem todos os grupos de alunos (um líder negativo pode ser contemplado; sua adesão, por vezes, facilita o apoio entre outros colegas e, às vezes, é fundamental para a melhoria de seu próprio comportamento). Fundamentalmente, os alunos escolhem aqueles em quem confiariam e gostariam de conversar se tivessem um problema. Consolida-se uma lista com o nome dos alunos mais votados. Os professores e a diretoria analisam-na e mantêm o poder de veto. Faz-se uma entrevista com os escolhidos explicando as funções de um aluno-mediador voluntário. Envia-se correspondência aos pais e, então, acontece o treinamento específico de mediação, de doze a vinte horas, com o grupo selecionado.

O mecanismo para iniciar uma mediação na escola varia, podendo haver formulários a serem preenchidos. Um aluno o encaminha ao adulto responsável pelo programa que providencia o mediador, com base em uma escala de atendimento. Antes, porém, deve-se checar a concordância

do professor porque, por vezes, a mediação acontece no horário das aulas. Vale ressaltar que um dos principais objetivos de programas de resolução de conflitos nas escolas é justamente solucionar o conflito dos alunos para que eles voltem para a sala de aula sem tumulto (os alunos se entendem e se conectam melhor entre si do que com adultos, pois compartilham identidades, sentindo-se bem para ventilar seus sentimentos, pensamentos e comportamentos sem o julgamento de um adulto). Os adultos não participam do processo, apenas supervisionam e ficam necessariamente por perto. Uma vez por semana/mês, encontram os alunos-mediadores para supervisão. A biblioteca e outros espaços

geralmente são reservados e passam a assumir também a função de sala de mediação. O estudante, ao violar normas, não se exime das consequências disciplinares por participar da mediação.

Conclusão

Depois de passar pelos princípios norteadores, habilidades treinadas com os alunos, verificar como se dá o procedimento de mediação entre estudantes e de pincelar aspectos da implementação de um programa, não é difícil entender o motivo pelo qual Rachel, a garota do início do texto, conseguiu resultado satisfatório na pacificação até fora da sala de aula.

